

Leituras de obras científicas: o perfil das bibliotecas

*Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira**

A circulação de livros no Brasil adquiriu mais dinamismo após a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro e da criação da Imprensa Régia. O consumo de obras científicas avolumou-se a partir da constituição das escolas de Medicina, Militar e mais tarde, em 1827, com a criação dos cursos jurídicos em Olinda e Recife, e em São Paulo. Bibliotecas públicas e particulares receberam um grande impulso, ao longo do século XIX, pois o livro tornou-se objeto necessário, contou com mais divulgação e formas mais facilitadas de compra. Algumas bibliotecas tinham qualidade e erudição no acervo, e já foram estudadas por historiadores e bibliófilos. Outras, particulares e públicas, muitas ligadas às administrações municipais ou provinciais só tiveram destaque limitado ou só recentemente mereceram estudos específicos.

Analisarei aqui algumas tendências quanto à presença de obras científicas existentes em bibliotecas que se constituíram no Rio de Janeiro, cidade que teve o privilégio de abrigar as primeiras levas de obras transportadas de Portugal, durante o período de inicial da instalação da Corte. Destacou-se como centro urbano que mais dispunha de bibliotecas entre as cidades brasileiras do período. Um outro objetivo que pretendia definir seria o perfil de algumas bibliotecas particulares, mas acredito que o tempo disponível só me permita uma curta análise de algumas bibliotecas públicas.

De qualquer perspectiva devemos reconhecer que eram tempos heróicos para os apreciadores do livro. Mercadoria muito visada pelas autoridades, abrangendo alguns títulos e autores considerados perniciosos para a estabilidade pública e sua leitura controlada, todos os escritos passavam por um filtro formado por censores régios do Desembargo do Paço, controles de circulação e de vendas.

* Professora Adjunta do Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História e Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Procientista e Pesquisadora CNPq/Pronex/Faperj.

Os primeiros sopros mais eficazes para a liberdade de imprensa ocorreram a partir de agosto de 1821, por influência das Cortes Portuguesas e de decretos que vigoraram desde então no Brasil. Enquanto no século XVIII diversas bibliotecas particulares se constituíram a partir de esforços de um número relativamente pequeno de pessoas, no século XIX cresceu muito o interesse profissional ou tendência para coleção e bibliofilia. Passou a ser perceptível, mesmo nas camadas abastadas da população, a procura por livros e leituras em bibliotecas públicas ou mesmo quanto à possibilidade de criar condições domésticas para sua existência.

Devido a sua importância algumas foram descritas em inventários *post-mortem* e servem de parâmetro para se entender a importância das bibliotecas públicas. Em um conjunto documental que estudei para compreender a formação destas bibliotecas particulares, por exemplo, em cerca de 500 inventários coligidos no Arquivo Nacional, para o período de 1870/1920, somente 19% de profissionais, entre médicos e advogados, possuíam livros em suas casas, e cerca de 7% apresentavam bibliotecas organizadas, dentro de um modelo sistemático.¹ Vejamos então alguns aspectos do perfil das bibliotecas públicas.

No contexto das transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, estes índices representam notável melhoramento, mas eram insignificantes se o parâmetro fosse alguma cidade européia ou norte-americana. No entanto, uma tendência observada era o interesse entre membros privilegiados da sociedade e da política era a preocupação em contribuir para o fortalecimento das bibliotecas públicas. Este viés fica explícito sobretudo nas correspondências quando registravam este desejo e o efetivavam, seja participando de forma direta em doações, exposições, organização de catálogos, ou de forma indireta, permitindo que alguns acervos mais significativos fossem incorporados às coleções públicas, após a morte de proprietários, e também quando participavam intensamente em leilões, muito veiculados nos jornais.

ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL				
ANO	POPULAÇÃO	ANALFABETOS	ALFABETIZADOS	%
1872	9.930.478	8.365.997	1.564.481	84.2
1890	14.333.915	12.213.356	2.120.559	85.2
1900	17.438.434	12.989.753	4.448.681	74.5

Fonte: IBGE. Séries Estatísticas Retrospectivas.

¹ Ver Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Inventários, Sessão do Poder Judiciário, organizados por ordem alfabética e consultados para o período de 1860 a 1920.

Para um país com altos índices de analfabetismo a cidade do Rio de Janeiro era *especial*. Suas bibliotecas e livrarias estavam disponíveis, com maior facilidade que em outras cidades latino-americanas. No entanto entre 1872 e 1900 o índice de analfabetismo da população brasileira variou entre 85% e 74%, conforme números aqui citados.

Estes números demonstram que somente uma parcela específica da população era beneficiada pelas facilidades que a cidade proporcionava aos leitores em geral. Acrescento ainda que todas as dificuldades inerentes à ampliação do universo cultural, como a parca renovação de títulos nas mais prestigiadas bibliotecas, os limitados recursos financeiros das instituições, e a dependência em relação a doadores e mecenas, além da ausência de uma política eficiente de atualização científica eram a outra face da moeda.

A França que contava com notáveis bibliotecas desde o século XVI sofreu um incremento nos séculos posteriores. No entanto uma das primeiras manifestações para ampliação e atualização de bibliotecas públicas foi praticada de forma sistemática por particulares e pelo próprio Estado. As *library* inglesas muito se espelharam neste modelo, apesar de só se expandirem a partir do século XX, e contarem com a ação de alguns funcionários e políticos preocupados quanto à introdução de melhoramentos nas práticas de leitura. Estas inovações foram intensificadas pela divulgação privilegiada das obras escritas por Eugène Morel, um funcionário da *Bibliothèque Nationale* que defendia a importância da instalação de maior número de bibliotecas, em largo processo de crescimento na Inglaterra e que por sua vez tiveram grande influência para a importação de novidades inglesas para a França.²

Naturalmente nem todo conjunto de obras existentes nas bibliotecas cariocas, leigas ou religiosas, públicas ou privadas, se aproxima dos índices e da estrutura das bibliotecas européias. No entanto os jornais cariocas, pródigos quanto às comparações entre bibliotecas brasileiras e européias, divulgavam em diversas seções, como *Várias Notícias*, e *Gazetilha*, ambas do *Jornal do Commercio*, especializadas em comentários sobre livros, tornando-se espaços privilegiados para divulgação de novas leituras e sedução de novos leitores.

Além deste tipo de divulgação, outros motivos levavam mais leitores às bibliotecas públicas. Os objetivos eram diversos: preparação de lições para estudantes das faculdades do Rio, leitura de periódicos, exame de obras raras e de interesse histórico, literatura de viagens, mapas e plantas. O acervo de muitas supria temas que nem sempre era possível encontrar em livrarias. Algumas

² Ver Jean Pierre Seguin. Eugène Morel et la vocation de la Bibliothèque Nationale, in *La Bibliothèque*. Richard Figuiet (dir). Paris: Autrement, s/d pp 116-126.

potencializavam a frequência de leitores através da criação de salas separadas de leituras, salões de conferências e outros tipos de eventos, a fim de ampliar a esfera do convívio de seus associados. Os jornais também publicavam vários avisos e anúncios que serviam como informação de horários e possibilidades para os leitores. Esses indicadores diziam respeito também aos freqüentadores e são úteis para a nossa compreensão das preferências e interesses dos possíveis usuários.³

Na Corte concentrava-se um número significativo de bibliotecas: a Biblioteca Nacional, as bibliotecas da Faculdade de Medicina, da Escola da Marinha, da Academia de Belas Artes, do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, do Instituto dos Surdos Mudos, do Mosteiro de São Bento, dos Conventos de Santo Antônio e do Carmo. Havia também a Biblioteca Fluminense, o Gabinete Português de Leitura, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de outras que regularmente publicavam estatísticas determinando o número leitores freqüentadores através das páginas do *Jornal do Commercio*.⁴

Na Biblioteca Nacional porém estas estatísticas foram beneficiadas, durante parte da gestão do bibliotecário Camilo de Monserrat, pelo fato de se passar a registrar diariamente os nomes dos habituais leitores e as leituras solicitadas em um grande caderno manuscrito.⁵ Os registros que aqui apresento foram efetuados em dois grossos volumes de capa dura, cuja abertura foi assinalada pelo administrador com o seguinte texto:

Por aviso da Secretaria d'Estado dos negócios do Império de 9 de outubro do corrente ano de 1833 (sic) foi determinado que nesta Biblioteca Nacional e Pública se tomasse o nome das pessoas que pedissem obras para ler, e que ao lado dele se escrevesse o livro, ou livros que pedissem, que se lhe fizesse saber que quando acabassem de ler, deverão entregar ao oficial que lhes deu, para por no assento nota de recebido ... (Em 21 de outubro de 1854).⁶

³ *Almanaque Laemmert, administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Laemmert, 1893.

⁴ Levantamento realizado nos números do *Jornal do Commercio* dos anos de 1873 e 1874. Ver também Ana Luiza Martins. *Gabinetes de Leitura na província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847-1890)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo. São Paulo. 1990. Mimeo. p. 76.

⁵ Biblioteca Nacional-S. Manuscritos (citada daqui em diante como BN-SMss) I - 16, 4, 33. Catálogo de leitores. Ver lista na abertura do livro de registro, escrito por Camillo de Monserrat.

⁶ BN-SMss. I - 16, 4, 33. Catálogo de leitores. 15 jul 1853.

Este tipo de registro teve curta duração, mas permite uma boa visualização da frequência e das leituras solicitadas. No livro aberto para o período de 27 de junho de 1853 a 30 de outubro de 1854 há menção a Benjamim Constant que foi ler Poesias de M^{al} Maria de Bocage, em dois volumes.⁷ O médico Dias da Cruz solicitou *L'Instituteur primaire aux Conseils et Directions* por Matter, publicado em um volume e, posteriormente, números atrasados do *Jornal do Commercio*.⁸ Machado de Assis deixou seu registro e solicitou números atrasados do mesmo jornal, e em 20 de abril de 1854 leu *História de Napoleão*, de Laurent, em um volume.⁹

Quintino Bocaiúva compareceu para leituras em 6 de novembro e solicitou exemplares de 1825 e 1826 do *Diário Fluminense*; voltou no dia seguinte para ler os mesmos jornais e *A Malagueta*.¹⁰ Perdigão Malheiro compareceu em 22 de novembro e solicitou 8 obras, em francês e latim, sobre viagens, descobrimentos e descrições das Índias. No ano seguinte, já no dia 2 de janeiro, o mesmo Perdigão solicitou *História Abreviada das viagens*, por Laharpe, 9º volume, e Bocaiúva,¹¹ no mesmo dia, optou por *Memórias Diárias de Pernambuco*, escritas por Duarte Coelho de Albuquerque, 1º volume, e *Teatro de Antonio José*. No dia 3 de janeiro, Perdigão voltou para ler *História Geral de Viagens*, 4º e 14º volumes. Os livros de viagens eram os francos favoritos em um levantamento a *vol d'oiseau*. Porém, mudou-se, em seguida, a metodologia dos registros e novas formas de apurar o número e a preferência temática dos leitores.

Quando a Biblioteca Nacional teve Ramiz Galvão como um de seus administradores mais ativos, a forma de cadastrar os leitores já era outra, mas a preocupação com a frequência do leitor era grande. Em 1876 quando enviou um relatório ao Imperador, Ramiz descreve os trabalhos executados para tornar a Biblioteca um local adequado aos seus usuários. No curso de 18 meses atingiu-se a cifra de 6.425 leitores, que consultaram um total de 6.923 obras.¹²

Como vê V. Ex., a frequência do público a este estabelecimento continua a ficar aquém do que devera ser, atentas às muitas riquezas que possuímos em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Já em relatórios passados tive a honra de chamar a

⁷ BN-SMss. I - 16, 4, 33. Catálogo de leitores. 3 ago 1853 e 25 ago 1853.

⁸ BN-SMss. I - 16, 4, 33. Catálogo de leitores. 3 ago 1853 e 25 ago 1853.

⁹ BN-SMss. I - 16, 4, 33. Catálogo de leitores. Para os registros do livro de 1854-1855.

¹⁰ BN-SMss. I - 16, 4, 33. Catálogo de leitores.

¹¹ BN-SMss. I- 16,4,33.. Catálogo...

¹² BN-S.Obras Raras. Benjamim Franklim de Ramiz Galvão. *Relatório do Bibliotecário da Biblioteca Nacional ... dos trabalhos executados durante o ano de 1875 e no primeiro semestre do ano de 1876*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1876, p. 1

atenção do ilustrado governo Imperial para este fato, e expus com franqueza as causas a que o atribuía; me é grato confessar entretanto que uma dessas causas tende a desaparecer, e brevemente não existirá mais, visto que a deficiência dos catálogos antigos vai desaparecendo gradualmente com os trabalhos de organização dos novos.¹³

Acrescentava que, mesmo depois destas modificações, o público não afluía como desejava, mas julgava que a explicação era simples. Primeiro, por julgar que mesmo com a melhoria dos catálogos estes não incorporariam a totalidade do acervo, o que exigia o acesso por velhos e imperfeitos registros e, segundo, porque o pessoal que trabalhava na Biblioteca, apesar de trabalhador, não era suficiente para promover o melhoramento necessário. Acrescentava, ainda, outro problema que gostaria de superar: "... o mal local em que se acha situada, longe do centro da cidade e por assim dizer no começo de um arrabalde."¹⁴ Reagia de maneira indignada a certos comentários negativos que dizia existirem quanto ao número de leitores da Biblioteca Nacional:

Por mais de uma vez se me tem pretendido atirar à face, direta ou indiretamente a odiosa comparação da freqüência do público a esta repartição e a outras bibliotecas da capital do Império, como para se fazer sentir que não é de fato causa real da escassez de leitores a carência de estudiosos: mas a verdade é, Exm. Sr., que esta comparação não pode ser feita senão por indivíduos ou de má fé ou leigos na matéria. Ninguém ignora que os estudantes das Academias existentes na Corte representam um pessoal numeroso e capaz de influir poderosamente na estatística de leitura; ora se é certo que outras bibliotecas têm a obrigação de prestar a esse pessoal os elementos de que ele carece para o preparo de suas lições diárias, também é incontestável que não é este o fim da grande Biblioteca Nacional da Corte, assim como não o é da Biblioteca Nacional de Paris, que não obstante sua imensa superioridade a quase todos os respeitos, está longe de competir em freqüência de leitores com a Biblioteca de Santa Genoveva, a cuja porta fazem cauda os estudantes da Universidade.¹⁵

¹³ *idem*. *Ibidem*. p. 2.

¹⁴ *idem*. *Ibidem*. p. 2.

¹⁵ *idem*. *Ibidem*. p. 2-3.

Seu relatório prosseguia fazendo uma análise das preferências de boa parte do público pelo que chamava de *leituras frívolas, novelas, poesias ligeiras e peças escandalosas*, no lugar de consulta a obras de elevado padrão científico ou literário, que compunham a maior parte do acervo da Biblioteca Nacional. De qualquer forma, havia outros problemas a combater que enumerava: as tipografias que não obedeciam à legislação que as obrigava à entrega de exemplares para o acervo da Biblioteca. No ano do relatório, o total de obras doadas espontaneamente por indivíduos ou pelas editoras chegou a 855, contra 2.536 volumes adquiridos por compra e B. L. Garnier, D. Charnay, Cruz Coutinho, Charles Porquet e A. Trubner, inclusive revistas, novas coleções, como a Camoneana, e a coleção completa dos *Documents inédits pour l'histoire de France*.¹⁶

Os jornais e catálogos exibiam nos índices publicados a preferência pelas *Belas Letras*, seguidas muito proximamente pela *História*. Coincidiam com aqueles registrados em relatórios por Ramiz Galvão, na Biblioteca Nacional.¹⁷ Quanto aos anos de 1875 e 1876, entre 4.583 leitores de 4.819 obras, no primeiro ano, de 2.124 preferiram textos em Belas Letras. No ano seguinte, 1.842 leitores solicitaram 2.104 obras, sendo 729 de Belas Letras. O segundo lugar na preferência cabia aos periódicos nacionais e estrangeiros, tendo sido lidos, respectivamente, 715 e 430 exemplares naqueles anos.

Outra biblioteca importante para o público leitor carioca e que permitiu a intensificação de um convívio cultural significativo para a cidade foi o Gabinete Português de Leitura. Inaugurado em 1837, em instalações relativamente modestas e por iniciativa de imigrantes portugueses, guardava alguma similaridade com outros já existentes em Portugal, afastando-se, no entanto, do modelo original francês. Os gabinetes de leitura, que surgiram e se multiplicaram na França durante o século XVIII, se caracterizavam por oferecer uma grande quantidade de jornais e novidades “quer franceses quer estrangeiros, e por uma biblioteca escolhida de obras antigas que colocam por um preço módico, à disposição do público.”¹⁸

O Gabinete Português do Rio de Janeiro não se assemelhava, porém ao modelo original francês, mas à estrutura de funcionamento de uma biblioteca associada a uma agremiação de natureza cultural. O primeiro registro de sua fundação foi o registro em ata da sessão de 14 de maio de 1837, quando se reuniram, na residência do acionista Antônio José Coelho Louzada, o Encarregado

¹⁶ Ramiz Galvão, Relatório BN, op. cit.

¹⁷ Apud. Fernando Guedes. *O livro e a leitura em Portugal*. Subsídios para sua história, séculos XVIII e XIX. Lisboa: Verbo, 1987. p. 167. Françoise Parent-Lardeur. *Les Cabinets de lecture*. Paris: 1982.

¹⁸ Cf. Ana Luiza Martins. *Gabinetes de leitura...* p. 22.

de Negócios da Nação Portuguesa João Baptista de Moura, e José Marcelino da Rocha Cabral, advogado em Lisboa, imigrado para o Brasil durante o reinado de D. Miguel. Totalizavam nesta época cerca de 189 acionistas.¹⁹

Durante a primeira década de funcionamento, o Gabinete contou com os esforços de vários associados bastante dedicados. O primeiro cargo de bibliotecário foi ocupado pelo médico responsável pela introdução da homeopatia no Brasil, Dr. José d'Almeida e Silva. Médicos, professores, comerciantes, advogados sucederam-se na administração, e procuraram tornar o acervo mais acessível e sua utilização mais sistematizada. A quantidade de volumes se ampliou de tal forma que passou a exigir novas instalações. Em 1880, foi lançada a pedra fundamental da nova sede. Ainda com o endereço da Rua dos Beneditinos n. 12, divulgava suas excelências no *Almanaque Laemmert*. Em 1881, registrava as dimensões do acervo: “Contém a biblioteca desta sociedade 23.853 obras (cerca de 50.000 volumes), compreendendo grande número de obras raras e manuscritos de valor (...) tem à disposição dos acionistas, subscritores e visitantes 80 diversas revistas e periódicos literários, científicos, artísticos e políticos, em vários idiomas.”²⁰

Em 10 de setembro de 1887, o Gabinete completou 50 anos inaugurando seu novo edifício, um magnífico prédio em estilo manuelino, na Rua Luís de Camões, e demonstrando a força e interesse despertado pela instituição junto aos seus membros e à sociedade em geral.²¹ Seu horário de funcionamento era bastante generoso - das 9 horas da manhã às 9 horas da noite - abrindo parcialmente em dias santificados e datas comemorativas até as duas da tarde, e só fechando nos dias de Ano Bom, Corpus-Christi, Espírito Santo, Natal e Domingo de Páscoa.²²

Houve ênfase nos cuidados de manutenção do acervo bibliográfico, e na integração de vários projetos culturais luso-brasileiros. Além da sala de leitura, possuía instalações para conferências e outros eventos culturais. Havia programação de centenários de escritores, comemorações ligadas a importantes datas comuns a Portugal e ao Brasil. Intensa era a colaboração existente entre seus administradores e associados.

Os leitores atingiram em 1891 índices superiores aos de outras da Corte:

¹⁹ *Almanaque Laemmert administrativo, mercantil e industrial da Corte e da província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1881. p. 507-508.

²⁰ Cf. A. A. de Barros Martins. *Esboço histórico...* p. 51/85.

²¹ Cf. *Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*. Seguido de um suplemento das obras entradas no Gabinete depois de começada a impressão. Rio de Janeiro: Tip. Comercial de F. de O. Q. Regadas, 1858.

²² *Almanaque Laemmert...* 1880. p. 501.

O movimento do Gabinete, [junho de 1891], foi de 1454 volumes, sendo 722 entradas e 732 saídas, a saber: português 1.249 e francês 205. A biblioteca foi freqüentada por 343 leitores e 2.238 visitantes. Total de leitores e visitantes 3.258.²³

Em 1884, Carlos Antônio de Paula Costa, bibliotecário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, preparou a “Exposição Médica Brasileira” e organizou seu catálogo, no qual discriminou 8.079 títulos nacionais e estrangeiros, lançando em seguida uma nova publicação, *Movimento Científico Médico Brasileiro: Anuário Médico Brasileiro*, que foi divulgada de 1886 a 1892. As indicações bibliográficas chegaram a atingir 9 mil títulos, sendo a maioria das referências extraídas de obras francesas.²⁴

Desde sua criação, na década de trinta, a biblioteca da Faculdade de Medicina recebia obras de grande interesse para os lentes e alunos. Em 1854, ampliou seu acervo com a incorporação de 2.880 teses defendidas pelos doutorandos da Faculdade de Medicina da Bahia. De início, adquiria as obras na Europa, até com subscrições de professores, mas com o passar do tempo e o aumento da produção de livros no Rio de Janeiro, passou a utilizar-se das ofertas existentes nesse mercado.²⁵

Outras bibliotecas, como a Fluminense, a da Marinha e a do Exército, eram franqueadas a leitores em geral, mas faziam restrições quanto a determinados serviços, como empréstimos de livros para leitura fora de suas dependências. Nesses casos, atendiam somente a associados ou oficiais. A Biblioteca da Marinha, por exemplo, criou um serviço especial para atendimento aos embarcados.

Seus acervos, apesar de não rivalizarem com os da Biblioteca Nacional e do Gabinete Português, eram importantes, porque especializados em temas importantes ao público a que se destinavam. Isso explica um outro aspecto a ser considerado, qual seja o alto índice de preferência por obras incluídas na rubrica “Ciências e Artes”, que foi certamente potencializada pelo fato de boa parte das bibliotecas examinadas pertencer a instituições como a faculdade de Medicina e escolas vinculadas à Marinha, ao Exército e à Escola Politécnica.²⁶

Algumas amostragens dos números globais de freqüentadores das bibliotecas publicadas no *Jornal do Commercio* indicam critérios de mensuração do movimento

²³ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 04 jul 1891.

²⁴ Francisco Bruno Lobo. A biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Império. *RHGB*. Rio de Janeiro, 334: 19-26, 1982.

²⁵ Ver as informações no *Almanaque Laemmert ...* dos anos de 1880, 1881, 1887, 1896 e 1904.

²⁶ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 02 jul 1891.

de leitores e tipos de leituras mais consumidas. O balanço do primeiro semestre de ano de 1891 esclarecia:

...durante os 26 dias úteis do mês de junho findo foi a da Marinha freqüentada por 380 pessoas, sendo 57 visitantes do museu e 323 leitores que consultaram 369 obras, sobre: matemática 20, astronomia 20, marinha 20, arte militar 17, ciências naturais 12, belas artes 8, dicionários e enciclopédias 6, história universal 5, geografia 4, filosofia 4, ciências médicas 3, física 3, química 2, jurisprudência 2, belas artes 1, miscelânea literária 1, administração 1 e teologia 1. Foram igualmente consultados 237 jornais, revistas científicas, literárias e artísticas, manuscritos, mapas e estampas: sendo na língua portuguesa 150, francesa 106, inglesa 48, alemã 32, italiana 22 e espanhola 11.²⁷

E também no registro correspondente à Escola Politécnica:

...durante o mês de junho foi esta biblioteca freqüentada por 443 leitores que consultaram igual número de obras em 568 volumes, sendo: matemáticas 169, ciências físicas e naturais 91, engenharia civil 78, filosofia 13, dicionários 40, jornais científicos 27, ciências sociais 4, história e geografia 7, literatura 14: escritas em português 69, francês 369 e inglês 10. Dos 443 leitores, 83 freqüentaram a biblioteca à noite.²⁸

Leitores com os mais diversos objetivos se dividiam em bibliotecas que lhes davam subsídios para as tarefas relativas ao seu desempenho profissional ou, simplesmente, um lazer gratuito. As necessidades do seu próprio público faziam com que as bibliotecas abrissem em horas compatíveis do dia, como fica claro nos horários praticados pelas Bibliotecas da Marinha e da Escola Politécnica.

Outras tinham um tipo de clientela mais diversificada. Tinham exigências mais variadas do que os leitores de bibliotecas vinculadas às instituições de ensino, que procuravam textos mais técnicos ou adequados às necessidades de seus cursos. Essas bibliotecas geralmente tinham acervos menores:

²⁷ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 02 jul 1891.

²⁸ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 02 jul 1891.

Durante 24 dias do mês próximo findo (junho de 1891), foi esta biblioteca freqüentada por 500 leitores durante o dia e 320 durante a noite, que consultaram 891 obras sobre: teologia 16, jurisprudência 24, ciências e artes 240, belas letras 280, história, geografia, viagens, etc. 180, jornais, revistas, mapas enciclopédias, etc. 151. E nas línguas portuguesa 400, francesa 340, italiana 10, espanhola 24, inglesa 23, alemã 4.²⁹

A Biblioteca Nacional também divulgava seus índices por número de leitores, temáticas e preferências lingüísticas:

Durante os 27 dias úteis do mês próximo passado (junho de 1891) foi a Biblioteca Nacional freqüentada por 1.673 leitores que consultaram 1.883 obras sendo: em belas letras 642, história e geografia 134, ciências matemáticas 274, ciências naturais 85, ciências médicas 42, ciências jurídicas 89, filosofia 47, artes 37, relatórios 25, bibliografia 1, almanaques 7, jornais e revistas 506. Escritas em português 1.268, em francês 534, em inglês 21, em italiano 26, em latim 6, em alemão 4 e em espanhol 24.³⁰

Algumas bibliotecas publicavam índices de freqüência exclusivamente dos leitores noturnos. A Escola Politécnica, com biblioteca aberta à noite, indicou os seguintes números, em três meses de levantamentos: 443 leitores para 568 obras e 83 à noite (junho de 1891); 398 leitores para 508 volumes e 74 freqüentadores à noite (junho de 1891); 306 leitores para 463 volumes e 57 leitores à noite (agosto de 1891).³¹ A Biblioteca Municipal contou com 500 leitores para 891 obras, sendo 320 leitores à noite (junho de 1891). Somou no mês de julho 772 leitores, sendo 297 durante o dia e 375 durante a noite.³² Crescendo significativamente em seus índices, carrou 1.005 leitores no mês de agosto sendo 558 leitores/dia e 452 leitores/noite, e 1.123 obras consultadas.³³

Já a biblioteca do Exército, também com freqüência diurna e noturna, abriu em junho durante 25 dias e 25 noites e foi freqüentada por 230 leitores, sendo 85 militares e 145 paisanos (não há especificação de leitores noturnos), que consultaram 90 obras, além de 145 jornais e revistas científicas, literárias e

²⁹ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 03 jul 1891.

³⁰ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 02 jul, 04 ago e 08 out 1891, respectivamente.

³¹ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 02 ago 1891.

³² Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 02 jul, 02 ago e 02 set 1891, respectivamente.

³³ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 06 jul 1891.

artísticas, nacionais e estrangeiras.³⁴ Contou, em 26 dias do mês de julho, com 254 leitores, que consultaram 131 obras. No mês de agosto, funcionou por 25 dias e noites, totalizando 308 leitores, sendo 200 militares e 108 paisanos, que consultaram 198 obras, além de 110 jornais e revistas nacionais e estrangeiros.³⁵

Selecionei o ano de 1891 como amostragem, mas a tendência era significativa em todos os anos da última década do século: frequência animadora para os setores vinculados aos livros científicos nas bibliotecas. Estas leituras tornaram-se mais necessárias, e as bibliotecas adaptaram-se cada vez mais a este novo leitor. Para maior compreensão das obras de científicas que faziam mais sucesso entre o público leitor do período, será desenvolvida uma nova etapa desta pesquisa, que pretende indicar quantos e quais eram os livros mais requisitados e estudá-los mais detalhadamente.

Resumo

Os leitores do século XIX deixaram marcas de suas preferências em inventários, leilões, correspondências e jornais. Neste texto serão analisadas as composições de bibliotecas particulares pertencentes a leitores da cidade do Rio de Janeiro que melhor retratavam o interesse por obras portuguesas. As bibliotecas particulares abrigavam também textos literários e científicos publicados em Portugal. Estas características tornam-se marcantes em bibliotecas de colecionadores e de profissionais liberais, além de outras que pertenciam a alguns escritores brasileiros. Nas bibliotecas públicas havia também um número importante de publicações portuguesas que eram muito procuradas pelos leitores que as freqüentavam. O público leitor expressava esta preferência por obras de autores portugueses conforme relatos encontrados em algumas fontes como leilões de lotes de bibliotecas divulgados na imprensa, e inventários post-mortem.

Palavras-chave: História do livro no Brasil; Bibliotecas públicas e particulares; História da Leitura

Abstract

The readers of the century XIX left marks of their preferences in inventories, auctions, correspondence and periodic. In this text will be analyzed the compositions that belonged to private libraries composed by Rio de Janeiro's readers who showed concern and portrayed better Portuguese works. Those private libraries sheltered also scientific and literary texts published in Portugal. These characteristics become outstanding in libraries that belonged to collectors and liberal professionals, moreover to some Brazilian writers. In the public libraries there were also an important number of Portuguese publications searched by those readers who used to go there. The public reader expressed this preference by Portuguese authors according to accounts found in some sources as library's auctions made public in the press, and inventories post-mortem.

Key- words: History of the book in Brazil/Public library and private library/Reading History

³⁴ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 05 ago 1891.

³⁵ Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 06 set 1891.